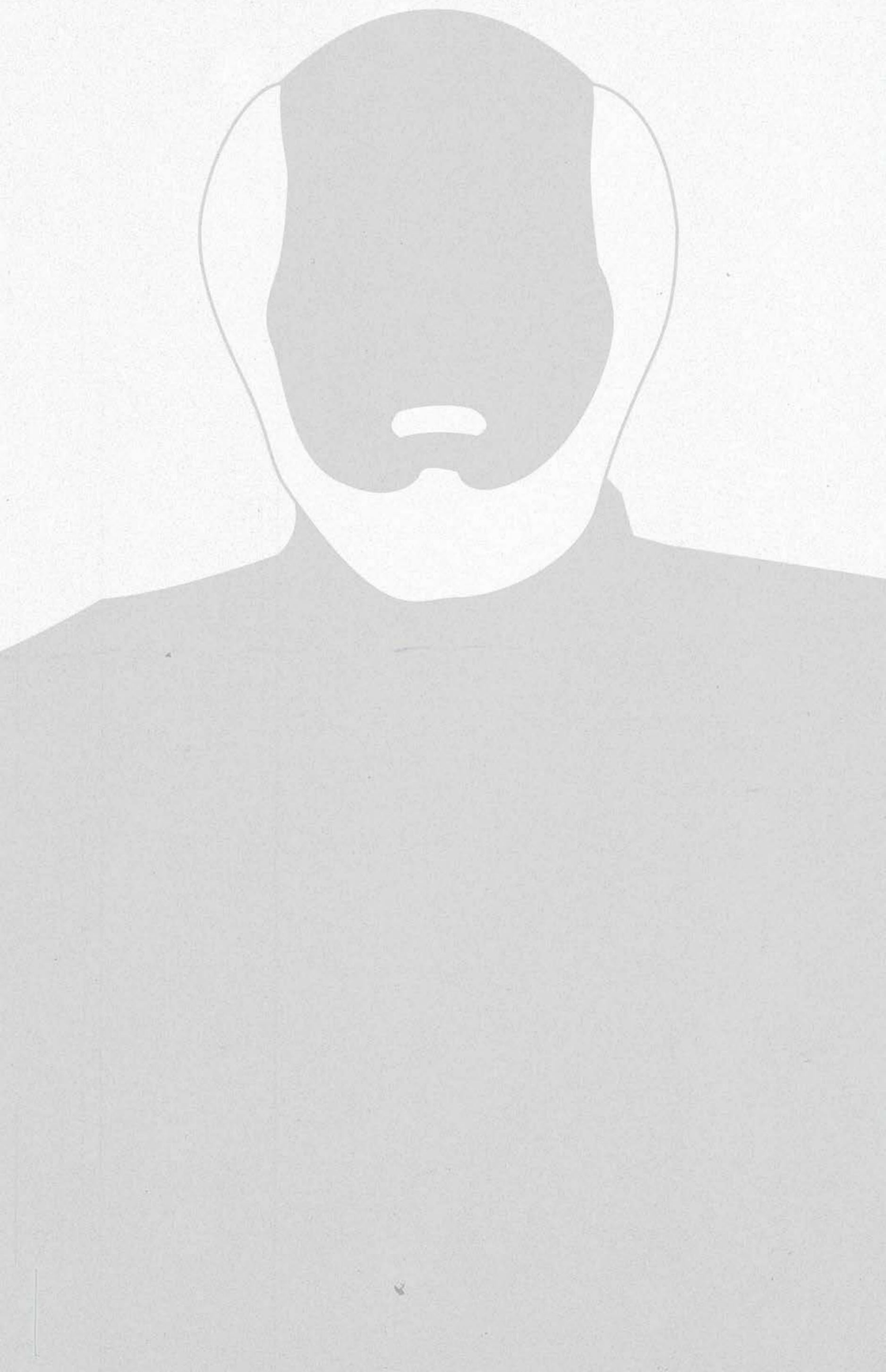




sonora:

**JOHN
WILLIAMS**





Ministério do Turismo apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

sonora: **JOHN
WILLIAMS**

ORGANIZAÇÃO E IDEALIZAÇÃO
RAFAEL BZ
JULIO BEZERRA

PRODUÇÃO GRÁFICA
JOSÉ DE AGUIAR



Centro Cultural Banco do Brasil

Ministério do Turismo e Banco do Brasil apresentam a mostra “Sonora: John Williams”, uma homenagem a um dos maestros e compositores de trilhas sonoras mais importantes da história da sétima arte.

Com uma seleção de longas-metragens, entre dramas de época, filmes de ação, de catástrofe e suspense, a mostra se dedica a apresentar as facetas de John Williams, a sua longeva parceria com Steven Spielberg e algumas das trilhas mais famosas de todos os tempos, como as de *Tubarão* (1975), *Indiana Jones* (1981), *E.T* (1982) e *Jurassic Park* (1993).

Com a realização desta retrospectiva, que oferece ao público uma ampla visão da obra de um dos maiores nomes da indústria cinematográfica, o CCBB reforça o compromisso com a difusão da arte, por meio de uma programação multicultural acessível, regular e diversificada.

John Williams

Luiza Alvim

John Williams é, possivelmente, o compositor vivo de maior reconhecimento em diversas esferas e nichos da cultura para além do cinema. Com temas musicais que já têm lugar cativo na Indústria Cultural, especialmente aqueles dos filmes de ficção científica e aventura de George Lucas e Steven Spielberg (como a saga Guerra nas estrelas, Caçadores da arca perdida, E.T., incluindo-se aí também a música de Superman, de Richard Donner), essas obras sinfônicas são tocadas em importantes salas de concertos no mundo inteiro, em concertos específicos dedicados à música de John Williams. Dificilmente se poderia nomear outro compositor cuja música para cinema tenha tido igual trânsito. Compositores importantes do passado, como Erich Korngold, tiveram reconhecimento nos dois âmbitos (na música erudita e no campo do cinema), porém sua obra permaneceu estritamente separada e compartimentada em cada um deles. Outros, como Ennio Morricone, lamentavam-se constantemente em entrevistas sobre o fato de não terem sido reconhecidos como compositores de “música séria”.

Um aspecto a ser notado é que Williams é o grande responsável pela retomada de uma tradição sinfônica na música de cinema nos anos 1970 e 1980. Com efeito, nos anos 1960, começara a se afirmar em Hollywood a tradição do uso de canções em detrimento da grande música sinfônica, vista, então, como ultrapassada. No entanto, principalmente a partir do sucesso do primeiro filme lançado da série Guerra nas estrelas, em 1977, toma força um novo sinfonismo na música de cinema, como observou o teórico Michel Chion .

John Towner Williams nasceu em Long Island, Nova York, em 8 de fevereiro de 1932. Seu pai era percussionista de uma orquestra e foi para Hollywood tentar entrar no ramo do cinema. Não deu muito certo para o pai, mas podemos observar que a aproximação com o cinema já veio de família, e é o filho quem vai realizá-la. John Williams aprendeu a tocar uma série de instrumentos, dedicando-se principalmente ao piano e tocando numa banda de jazz. Na Califórnia, estudou composição com Mario Castelnuovo-Tedesco. Durante seu serviço militar realizado no Canadá, ocupou-se da banda militar e compôs sua primeira trilha musical para um filme, um documentário encomendado pelo governo canadense, em que usou só instrumentos da banda. A seguir, Williams voltou a cruzar o país de volta à sua Nova York para estudar piano na prestigiada Julliard School, destino dos sonhos de muitos músicos de formação clássica.

Tudo parecia se dirigir para isso, mas, precisando ganhar dinheiro e já com família, John Williams voltou a Los Angeles em 1956, passando a trabalhar como pianista na Columbia Pictures e na Fox, assim como nas funções de arranjador e regente na Columbia Records. Depois, em 1958, foi para a televisão para atuar como compositor. Foi ali que Williams conheceu o diretor Robert Altman, com quem trabalharia em filmes nos anos 1970, como O perigoso adeus (1973).

No cinema, seu primeiro longa-metragem foi *Daddy-O*, 1959. Williams continuou fazendo algumas comédias sem grandes distinções, embora uma delas tenha sido com um diretor de renome, William Wyler (*Como roubar um milhão de dólares*, 1966). Um certo destaque veio com a trilha musical sinfônica composta para *Os rebeldes* (*The Reivers*, 1969), do diretor Mark Rydell (que trabalha como ator no já mencionado *O perigoso adeus*). Rydell o convidou para outros filmes, como *Os cowboys* (1972) – um dos últimos *westerns* com John Wayne –, e Williams começou a ser chamado por diretores veteranos renomados, como Alfred Hitchcock (*Trama macabra*, 1976) e Arthur Penn (*Duelo de gigantes*, 1976). Antes dos filmes de Spielberg e George Lucas, Williams já compunha música sinfônica na tradição do cinema clássico para o gênero do “cinema catástrofe” no início dos anos 1970, como, por exemplo, em *O destino do Poseidon* (1972). Michel Chion observa que esse gênero tinha um caráter “envelhecido”, baseado num glamour que incluía estrelas cinematográficas do passado. Nessa fase inicial, Williams já tinha angariado um reconhecimento pela academia cinematográfica de Hollywood, tendo recebido o Oscar pela música do filme *Um violinista no telhado* (Norman Jewison, 1971), adaptada de um musical da Broadway.

No entanto, o destino de Williams acabou mesmo selado pelo encontro com Spielberg, que o chamou para o seu primeiro longa-metragem, *A louca escapada* (*Sugarland Express*, 1974), impressionado pela música composta para *Os rebeldes*. Williams acabou compondo o icônico leitmotiv de duas notas de *Tubarão* (1975), mas a grande projeção ainda estava para chegar. George Lucas, amigo de longa data de Spielberg, estava em meio à produção de *Guerra nas estrelas*. Diferentemente do que era o padrão da ficção científica na época, Lucas não queria uma trilha musical modernista atonal, como em *O planeta dos macacos* (1968), preferindo o que Stanley Kubrick tinha feito em *2001* (também de 1968), mas, ainda bastante insatisfeito, comentou com Spielberg que gostaria de uma trilha musical do tipo da que Korngold faria, pois queria fazer “um filme meio old-fashioned” – ao que Spielberg respondeu: “O cara com quem você precisa falar é John Williams. Ele fez *Tubarão*, [...] é o melhor compositor que existe.” (citado por Aldissino, 2014, p. 71). E assim foi feito. Contra todos os prognósticos (filmes de ficção científica estavam em baixa na época, e, muito mais ainda, uma trilha musical sinfônica à moda da Hollywood clássica), o filme e a música (gravada pela tradicional London Symphony Orchestra) foram um grande sucesso, dando origem não só ao restante da trilogia, como a outros seis filmes.

Diferentemente de compositores mais jovens, que passaram a usar sintetizadores e outros recursos tecnológicos para comporem, Williams continuou compondo à moda antiga, sentado ao piano. Também faz questão de reger sua música em frente ao filme projetado, com o mínimo de ferramentas tecnológicas. Esse lado de regente da carreira de Williams também deve ser destacado. De 1980 a 1993, Williams esteve à frente da Boston Pops Orchestra, uma derivada mais popular da Boston Symphony Orchestra, e foi responsável pela inclusão de música de cinema no repertório dos concertos.

A colaboração mais duradoura e frutífera de Williams foi com Steven Spielberg, incluindo filmes da fase “séria” do diretor, em que ele tentou provar que seria capaz de dirigir dramas adultos, e não apenas filmes de aventura e fantasia. Um dos mais conhecidos dessa colaboração é o tema para violino que Williams compôs para o filme *A lista de Schindler* (1993), também bastante tocado em salas de concerto. Merece destaque também o tema coral “*Exsultate Justi*” para *O império do sol* (1987).

Entre filmes de drama de outros diretores no final da década de 1980 e na década de 1990 estão: *O turista acidental* (Lawrence Kasdan, 1988), *Stanley & Iris* (Martin Ritt, 1990), *JFK* (Oliver Stone, 1991) e *As Cinzas de Ângela* (Alan Parker, 1999). Nos dois primeiros, Williams compôs uma música de orquestração mais contida, com destaque para o uso do piano.

Mas John Williams não deixou de ser chamado para filmes de fantasia e aventura, como *Jurassic Park* (Steven Spielberg, 1993) e, mais próximo da nossa época, os três filmes da série de *Harry Potter* (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*, 2001, e *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*, 2002, ambos de Chris Columbus, com quem John Williams já havia trabalhado em *Esqueceram de mim*, 1990; *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, 2004, dirigido por Alfonso Cuarón). Embora outros compositores tenham assumido nos filmes seguintes, Williams criou o tema musical mais marcante da série, o “tema de Hedwig”, com o som da celesta evocando o universo da magia.

Na última década, além das continuações das séries de *Guerra nas estrelas* e *Indiana Jones*, Williams se dedicou também a filmes “adultos” de Spielberg, como *A guerra secreta* (2017), *Lincoln* (2012) e *Cavalo de Guerra* (2011), entre outros.

¹ CHION, Michel. *La musique au cinéma*. 2 ed. rev. aum. Paris: Fayard, 2019.

² ALDISSIMO, Emilio. *John William’s Film Music*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2014.

Rafael Bezerra

curador

Sou daquela geração que viu a transição do disco de vinil para o CD, a tal geração *millennial*, ou agora, talvez mais especificamente, pelo menos até segunda ordem, a geração *xennial*... que nos idos anos de 1990 ficava feliz da vida em comprar um disco a *laser*. Lembro como se fosse ontem. 12 anos completos e algum dinheiro de presente de aniversário. Fui até uma loja perto de casa e comprei meu primeiro *compact disc*: a trilha sonora do filme Jurassic Park (1993). É como se a consciência de mim mesmo estivesse como que casada com a música de John Williams.

E sei que não estou sozinho. O maestro americano, ao mesmo tempo versátil e constante, capaz de fazer de tudo um pouco e, ainda assim, sempre deixar sua marca indelével, tem essa qualidade - difícil de precisar, embora amplamente constatável - de marcar não somente os filmes, mas também a vida das pessoas. Quer ver? Pense em uma situação de perseguição, de que algo está atrás de você. Tente fazer isso sem a música de Tubarão (Jaws, 1975). E uma situação de batalha, como quando brincávamos ainda crianças? Imagine um vilão sem ouvir The Imperial March, de um tal de Darth Vader. Se você, como eu, gosta de se aventurar em trilhas, cavernas ou estradas de terra, já deve ter se pegado cantarolando a música do Indiana Jones.

SONORA: JOHN WILLIAMS é uma homenagem a um dos maiores compositores de trilhas sonoras da história do cinema - e que completará 90 anos em fevereiro de 2022. Filho de um baterista de *jazz*, Williams sempre teve o desejo de trabalhar com composições para o cinema. Graduou-se na Universidade da Califórnia, estudou piano na Julliard School of Music, passou pelo exército americano e trabalhou com os compositores Henry Mancini e Alfred Newman antes de assinar sua primeira trilha sonora para Daddy-O (1958), de Lou Place. De lá pra cá, são mais de 150 composições para cinema e TV, entre melodramas, faroestes, filmes de época, catástrofes e de aventura, *thrillers* e dramas os mais variados, e incríveis 52 indicações ao Oscar – sem falar em uma das parcerias mais icônicas e premiadas da história da sétima arte, com Steven Spielberg.

Sua música tem fortes influências de outros compositores clássicos, mesclando técnicas de vanguarda e a intensa utilização de *leitmotiv*. Suas trilhas são orquestrais, eruditas, sinfônicas e marcadas por uma regência grandiosa. Essa maestria poderá ser vista, ouvida e admirada em quatro semanas e vinte sete longas (entre clássicos e algumas surpresas) nos Centros Culturais do Banco do Brasil de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Uma mostra de cinema para quem gosta de aventura, drama, fantasia e música. Um panorama para fomentar e discutir a importância das trilhas sonoras no cinema e celebrar a extensa obra de um dos maiores compositores da história do cinema.

Boa mostra!

Como roubar um milhão de dólares

How to Steal a Million

EUA / 1966 / 123min

Direção: William Wyler

Produção: Fred Kohlmar

Roteiro: Harry Kurnitz e George Bradshaw

Montagem: Robert Swink

Fotografia: Charles Lang

Elenco: Audrey Hepburn, Peter O'Toole, Eli Wallach etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Para ajudar seu pai, Nicole Bonnet é a filha de um falsificador de obras de arte que pede a ajuda de Simon Dermott, um desconhecido que recentemente invadiu sua casa, para roubar uma estátua.

A leve e bem-humorada música de John Williams nos conduz a Paris, onde vivem Nicole (Audrey Hepburn) e seu pai, o falsário Charles Bonnet (Hugh Griffith). Ao replicar a famosa Vênus de Cecile e expô-la ao público, Charles corre o risco de ser descoberto. Cabe à filha e ao suposto ladrão de obras de arte Simon Dermott (Peter O'Toole) roubar a escultura avaliada em um milhão de dólares. A atuação, o roteiro e a direção concisa de Wyler compartilham com a música de uma espirituosidade tal que nem nos incomodamos com o filme falado em inglês. Tão carismática e inteligente quanto o casal protagonista, a música consegue, ao mesmo tempo, a eloquência e a economia, transformando-se com fluidez e vivacidade ao longo do filme. Ela aparece rica em texturas nos trajetos pela cidade; nas exposições do museu; nas peripécias do roubo; é doce e suave nos momentos românticos; dissonante e menos densa na construção do suspense. E recua durante os saborosos diálogos, a correria dos guardas, os disparos do escandaloso alarme e a chegada da polícia - não sem acentuar, simultânea aos close ups, movimentos e aparições de personagens e objetos narrativamente relevantes. Williams permite que nos deleitemos com um mickeymousing mais irônico que didático, fazendo-nos associar crimes e mentiras a um estimulante final feliz.

Geórgia Cynara

O destino de uma paixão

Jane Eyre

EUA / 1970 / 110min

Direção: Delbert Mann

Produção: James Franciscus e Frederick H. Brogger

Roteiro: Charlotte Brontë e Jack Pulman

Montagem: Peter Boita

Fotografia: Paul Beeson

Elenco: Susannah York, George C. Scott, Ian Bannen etc.

Classificação indicativa: 16 anos

A órfã Jane Eyre é enviada ao colégio Lowood e eventualmente acaba se tornando governanta de uma menina chamada Adele na propriedade Thornfield. Acontecimentos estranhos se passam no ambiente durante sua passagem pela mansão, culminando com seu romance com Edward Rochester, proprietário de Thornfield e guardião da pequena Adele.

Vencedora do Emmy Awards de 1972, a densa e sombria música de John Williams para este drama é consonante com a infância da órfã Jane Eyre (Susannah York). Cordas graves e médias se misturam ao som suave e melancólico das flautas e harpas durante sua passagem pelo colégio Lowood, onde, além de vítima, testemunha abusos contra meninas que, aprendizes das “virtudes da submissão”, um dia serão governantas em casas tradicionais. A visita ao túmulo da amiga Helen Burns, morta por um castigo aplicado em Lowood, marca a passagem de tempo para a juventude de Jane, quando se torna responsável pela menina Adele, na mansão Thornfield, comandada pelo temperamental Edward Rochester (George C. Scott). A música ora está no centro do universo narrativo - quando Jane demonstra seus dotes musicais ao piano e emociona Rochester, por quem se apaixona-; ora paira sobre situações estranhas que acontecem na mansão, acompanhando respirações femininas ofegantes, um véu que cai enquanto Jane dorme, um incêndio misterioso, gritos que acordam os hóspedes de Thornfield. As dissonâncias, os violinos em suspenso, as diferenças de alturas entre cordas e madeiras, as intermitências de sonoridades graves na escuridão sugerem segredos que, uma vez revelados a Jane, colocarão suas escolhas à prova. A música e o desabrochar da personagem seguem o mesmo curso nesta adaptação do romance homônimo de Charlotte Brontë (1847): rumo à plenitude, carregando cicatrizes.

Geórgia Cynara

Um violinista no telhado

Fiddler on the Roof

EUA / 1971 / 181min

Direção: Norman Jewison

Produção: Norman Jewison, Walter Mirisch e Larry DeWaay

Roteiro: Joseph Stein e Sholom Aleichem

Montagem: Antony Gibbs Robert Lawrence

Fotografia: Oswald Morris

Elenco: Chaim Topol, Norma Crane, Leonard Frey, Molly Picon etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Violinista de aldeia ucraniana e seus habitantes de origem judia são intimados pelo czar a deixar o país em apenas três dias. Começa assim o sofrido êxodo para os países ocidentais, onde são mostrados os dramas individuais de alguns personagens.

O filme que rendeu o primeiro Oscar a John Williams na categoria "Melhor canção original e trilha sonora adaptada" é um eloquente musical que nos apresenta com pompa e humor a família do leiteiro judeu Tevye, na Rússia imperial do início do século XX. Toda a sensibilidade de Williams na adaptação da música de Jerry Bock e das letras de Sheldon Harnick nos coloca ora dentro de casa testemunhando e tomando partido nos conflitos acerca dos arranjos de casamentos recusados pelas filhas, ora celebrando o primeiro casamento por amor da família. A densa textura e a variedade timbrística e rítmica de Tradition, tema do prólogo desta adaptação do musical homônimo da Broadway e espinha sonora dorsal do filme, pesa tanto quanto os costumes que aquela comunidade quer preservar, mesmo que, sob o regime czarista, eles sejam expulsos do vilarejo Anatevka e impedidos de viver de forma pacífica com os cristãos ortodoxos vizinhos. A diversidade e a beleza das vozes em coro revelam a união e a resistência de uma comunidade fissurada por elementos desestabilizadores - como o professor vindo de Kiev, amado pela filha do meio e incentivador da revolução operária condenado à Sibéria; e como o jovem cristão ortodoxo de quem a caçula se enamora e com quem foge, indo contra os preceitos de sua religião. Enquanto as fissuras se abrem, cordas, madeiras e outras famílias sonoras populares na cultura judaica - incluindo o corte da carne, a sova do pão, o relincho dos cavalos e o cacarejo das galinhas - sublinham as alegrias cotidianas e o drama de suas contradições. Seja qual for a ocasião, o violinista estará ao longe, tocando e dançando enquanto se equilibra entre as glórias do passado e as incertezas do futuro.

Geórgia Cynara

Os cowboys

The Cowboys

EUA / 1972 / 131min

Direção: Mark Rydell

Produção: Mark Rydell

Roteiro: Irving Ravetch Harriet Frank Jr. William Dale Jennings

Montagem: Neil Travis

Fotografia: Robert Surtees

Elenco: John Wayne, Roscoe Lee Browne, Bruce Dern, Colleen Dewhurst etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Ao ter que levar uma manada de bois ao longo de 400 milhas, um cowboy das antigas se vê desacompanhado dos seus velhos amigos - que partiram em busca do ouro. Sem ninguém para ajudá-lo, ele não tem outra saída senão contratar crianças.

Trata-se de um veículo tardio para John Wayne, já na fase final de sua carreira, mas ainda uma superprodução, apresentada como um épico. O filme é apresentado com uma abertura oficial dedicada à trilha sonora de John Williams que é essencial para estabelecer esse ambiente mitológico sobre qual esse filme vai se construir, além de um intervalo que apresenta outro trecho das composições de Williams. O filme mostra um velho oeste afetado pela crise, onde um vaqueiro (Wayne) perde seus funcionários para outros negócios, e se vê 'obrigado' a contratar um grupo de crianças, cujo líder é um jovem Robert Carradine, para fazer o trabalho de muitos homens, atravessando o oeste americano com o seu gado. O filme é dirigido por Mark Ryddel que faz um artesanato digno, embora distante do épico definitivo sobre o oeste que ele transpira acreditar fazer. Ryddel mistura ares de aventura juvenil com um realismo brutal, já evidente na primeira cena quando Wayne aparece domando um cavalo praticamente sem cortes. É um filme sobre valores conservadores, muitos dos quais soam extremamente deslocados nos dias de hoje, a começar pelo herói que expõe crianças a violência e morte, embora a grande aventura só possa terminar numa tragédia e as crianças passarem da inocência inicial para serem os agentes desta violência.

Guilherme Martins

O destino do Poseidon

The Poseidon Adventure

EUA / 1972 / 118min

Direção: Ronald Neame

Produção: Irwin Allen, Steve Broidy e Sidney Marshall

Roteiro: Wendell Mayes, Stirling Silliphant e Paul Gallico

Montagem: Harold F. Kress

Fotografia: Harold E. Stine

Elenco: Gene Hackman, Ernest Borgnine, Red Buttons, Carol Lynley etc.

Classificação indicativa: 12 anos

Um terremoto submarino produz uma onda gigantesca que vira o transatlântico de luxo Poseidon, deixando apenas 10 sobreviventes. Liderados por um reverendo, o grupo tem que chegar até o casco do navio, sua única chance de escapar.

Antes de Tubarão e a pareceria com Steven Spielberg e do espetáculo espacial sideral de Star Wars, John Williams ganhou nome compondo partituras de tirar o fôlego para alguns dos mais proeminentes, estrelados, épicos espetáculos naturais de desastre dos anos 70. Irwin Allen, produtor de programas televisivos de sucesso nos anos 60, tornou-se um dos maiores responsáveis pela febre dos filmes de catástrofe na década seguinte. Foi na TV que Allen e Williams trabalharam juntos pela primeira vez e, embora o maestro não tivesse ainda muita experiência na telona, é ele quem assina a maior parte das superproduções do primeiro. A trilha de Williams para O destino de Poseidon é em grande parte atmosférica. O tema principal, grave e de proporções épicas, dá o tom do filme, parece emular o som da água que invade o navio e nos faz lembrar de um certo Bernard Herrmann. Diferente da partitura de Inferno na torre, outra parceria Allen-Williams, a trilha de Poseidon soa fatalista desde o início, investindo em curiosas dissonâncias e nos sons sombrios das cordas, dos metais e mesmo do piano. Poseidon, com um elenco estelar (são ao todo quatro ganhadores de Oscar), é uma formula bem evidente: um enredo “um-obstáculo-sobre-outro” e espaços modernos fabulosamente projetados, desmoronando diante da má administração corporativa e da ira divina. O filme foi indicado a nove Oscars – incluindo uma das primeiras nomeações de Williams.

Julio Bezerra

O perigoso adeus

The Long Goodbye

EUA / 1973 / 112min

Direção: Robert Altman

Produção: Elliott Kastner e Jerry Bick

Roteiro: Leigh Brackett e Raymond Chandler

Montagem: Lou Lombardo

Fotografia: Vilmos Zsigmond

Elenco: Elliott Gould, Nina van Pallandt, Sterling Hayden, Mark Rydell etc.

Classificação indicativa: 14 anos

O esperto detetive particular Philip Marlowe dá carona a um amigo de Los Angeles até a fronteira de Tijuana. Ao voltar para casa, encontra seu apartamento cheio de policiais, sendo preso como cúmplice do assassinato da esposa de seu amigo.

A variação é um dos princípios básicos da forma musical. “Tema e variações” é também um tipo de obra há muito presente na música ocidental, na qual um tema é variado a cada vez na instrumentação, andamento, harmonia etc. No filme *O perigoso adeus*, faz parte de um dispositivo concebido pelo diretor Robert Altman: todas as incursões musicais, com exceção da última, são variações do mesmo tema composto por John Williams. O tema tem características jazzísticas e a variação também é importante no jazz, além de que o estilo combina com o flerte do filme com o noir. Nos dez primeiros minutos do longa-metragem, a música é ouvida incessantemente em todos os ambientes, mas, em cada um deles, num arranjo distinto, diegética (justificada na ação) ou não, cantada (com letra de Johnny Mercer) ou cantarolada. O dispositivo permanece no restante do filme, de modo que o tema recebe até timbres e ritmo que lhe dão contornos de música mexicana, é ouvido numa fanfarra de enterro ou, ainda, num toque de campainha, criando um efeito cômico. Chega a incluir incoerências, como mostrar um pianista de bar compondo a canção que ouvíamos no rádio do carro anteriormente.

Luiza Alvim

Tubarão

Jaws

EUA / 1975 / 124min

Direção: Steven Spielberg

Produção: Richard D. Zanuck e David Brown

Roteiro: Peter Benchley e Carl Gottlieb

Montagem: Verna Fields

Fotografia: Bill Butler

Elenco: Roy Scheider, Richard Dreyfuss e Robert Shaw

Classificação indicativa: 14 anos

Um terrível ataque a banhistas é o sinal de que a praia da pequena cidade de Amity virou refatório de um gigantesco tubarão branco. Embora o prefeito queira esconder os fatos da mídia, o xerife local pede ajuda a um ictiologista e a um pescador veterano para caçar o animal.

Não é exagero considerar a trilha sonora de Tubarão, e seu tema legendário de duas notas, uma das mais marcantes e aterrorizantes da história do cinema. Claramente influenciada por Bernard Herrmann e seu trabalho de caráter minimalista em filmes como Psicose (1960), esse tema permeia uma obra que até hoje acho um pouco estranha, porém genial. Talvez por buscar justamente essa estranheza, tanto Spielberg como John Williams trabalharam arduamente elementos contemporâneos da linguagem musical para situar essa história bizarra de um tubarão que simplesmente ataca banhistas do nada – bom, talvez não tão bizarro, pois isso infelizmente acontece na vida real lá em Recife, na praia de Boa Viagem. Atonalismo, efeitos percussivos violentos, minimalismo, repetições atordoantes e harmônicos estridentes que arranham nossos ouvidos são alguns dos elementos trabalhados pelo nosso compositor favorito e que contribuem para o medo eterno desse personagem repugnante e ao mesmo tempo tão querido por nós, amantes do cinema. Mais um trabalho supremo do grande mestre e prova da sua infinita capacidade de se reinventar.

Mateus Alves

Escalado para morrer

The Eiger Sanction

EUA / 1975 / 129min

Direção: Clint Eastwood

Produção: Richard D. Zanuck, David Brown e Robert Daley

Roteiro: Warren Murphy, Trevanian e Hal Dresner

Montagem: Ferris Webster

Fotografia: Frank Stanley

Elenco: Clint Eastwood, George Kennedy, Vonetta McGee etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Jonathan Hemlock é um professor universitário e ex-matador. É coagido pela organização governamental denominada C2, à qual já prestara serviços, para uma última missão: descobrir e eliminar os dois homens que mataram um membro da C2 em Zurique, Suíça.

Escalado para morrer pode ser resumido em uma frase: Dirty Harry encontra James Bond, Indiana Jones e John Wick. Essa mistura improvável onde o protagonista vivido pelo diretor Clint Eastwood é um assassino profissional aposentado meio rabugento, agora professor universitário e colecionador de arte, cujo passado bate à porta para obrigá-lo a executar um último alvo durante uma escalada de alto risco nos alpes suíços, é provavelmente o filme mais bizarro e anacrônico dirigido por Eastwood. Por outro lado, é um de seus filmes mais divertidos e uma das primeiras grandes produções do subgênero que mescla aventura e alpinismo. O longa é também a única parceria entre Eastwood e o compositor John Williams. Williams aqui desenvolve uma de suas mais fascinantes e diversificadas partituras, embora esta seja uma de suas trilhas menos conhecidas. Escalado para morrer é o fim de um capítulo na obra de Williams, já que sua encomenda seguinte seria a trilha do blockbuster Tubarão e, a partir dali, sua vida e o mundo da música para cinema se transformariam para sempre. Valendo-se de um de seus recursos favoritos, o *leitmotiv*, Williams apresenta várias iterações do tema principal, ora na forma de orquestras que acentuam certo romantismo neoclássico, ora em arranjos jazzísticos com forte presença de piano e *harpsichord* elétricos.

Tomaz Alves Souza

Trama macabra

Family Plot

EUA / 1976 / 120min

Direção: Alfred Hitchcock

Produção: Alfred Hitchcock

Roteiro: Ernest Lehman Victor Canning

Montagem: J. Terry Williams

Fotografia: Leonard J. South

Elenco: Karen Black, Bruce Dern, Barbara Harris, William Devane etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Falsa médium e seu amante, um taxista psicopata, planejam roubar uma grande quantia em dinheiro de uma idosa, alegando ter encontrado seu sobrinho há anos desaparecido. Este é o último filme do mestre do suspense Alfred Hitchcock.

Último filme dirigido por Alfred Hitchcock, Trama macabra é basicamente uma farsa que se desenrola entre roubos de diamantes, sequestros inusitados e cenas de ação atrapalhadas. Uma série de coincidências aproxima os dois casais de protagonistas, o primeiro formado por uma falsa médium e o namorado taxista, que aplica pequenos golpes nos crédulos participantes das sessões mediúnicas, e o segundo por uma dupla sofisticada de sequestradores que conseguem manter certa fachada de cidadãos respeitáveis. O longa é um dos primeiros trabalhos de John Williams depois do estrondoso sucesso de Tubarão e, embora não apresente nenhum tema musical tão memorável quanto alguns momentos daquele filme, sua trilha antecipa formas que o músico voltaria a utilizar em diversos momentos de sua carreira. O uso do coral feminino no tema de abertura é um bom exemplo, ainda que aqui o uso das vozes sirva para parodiar as falsas leituras mediúnicas, e voltaria a aparecer com destaque em dois filmes de Steven Spielberg, Hook e A.I. - Inteligência Artificial.

Tomaz Alves Souza

Duelo de gigantes

The Missouri Breaks

EUA / 1976 / 126min

Direção: Arthur Penn

Produção: Elliott Kastner e Robert M. Sherman

Roteiro: Thomas McGuane

Montagem: Gerald B. Greenberg Dede Allen Stephen A. Rotter

Fotografia: Michael C. Butler

Elenco: Marlon Brando, Jack Nicholson, Randy Quaid, Kathleen Lloyd etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Tom Logan é um ladrão de cavalos. O fazendeiro David Braxton - dono de alguns cavalos e pai - contrata um infame caçador de ladrões de cavalos, Robert E. Lee Clayton, que está disposto a acabar com um por um até encontrar Logan.

Duelo de gigantes reúne três grandes nomes identificados com a chamada Nova Hollywood dos anos 1970, o diretor Arthur Penn e os astros Jack Nicholson e Marlon Brando. Um fracasso de bilheteria no seu lançamento, o *western* revisionista e nada convencional de Penn ganhou de *cult* nas últimas décadas, e o vazio moral que caracteriza seus protagonistas reflete o espírito da época (Watergate, Guerra do Vietnã). O título original remete aos *canyons* do Rio Missouri e à paisagem árida das locações contrasta com as tensas travessias no rio, o que realça a sensação de conflito permanente. O longa pode ser visto como um retorno aos temas do seminal *Bonnie and Clyde*, dirigido por Penn em 1967, um comentário histórico sobre a formação do que se chama América do ponto de vista daqueles que vivem à margem e no limite da sobrevivência: o anti-herói Tom Logan (Nicholson), ladrão de cavalos desiludido que se vê mais feliz cuidando de um rancho, e Lee Clayton (Brando), o sádico e amoral mercenário contratado para caçar Logan e seu bando. A trilha de John Williams, produzida na onda do recente sucesso de *Tubarão*, pontua a primeira parte do filme com a instrumentação típica do gênero (banjo, gaita) nos temas que amplificam o humor das cenas da gangue de Logan, e arranjos orquestrais com base de percussão e baixo elétrico, uma combinação que remete tanto a contemporâneos como Jerry Goldsmith quanto às primeiras experiências de Williams escrevendo para séries de TV no começo dos anos 1960. Já a segunda parte da música é feita de silêncios e instrumentação esparsa, comentando o crescente tom de desesperança das personagens, e de tensão e violência das últimas sequências do filme.

Tomaz Alves Souza

A fúria

The Fury

EUA / 1978 / 118min.

Direção: Brian De Palma

Produção: Frank Yablans e Ron Preissman

Roteiro: John Farris

Montagem: Paul Hirsch

Fotografia: Richard H. Kline

Elenco: Kirk Douglas, John Cassavetes, Carrie Snodgrass etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Uma agência secreta e sem escrúpulos reúne crianças com habilidades parapsicológicas e as treina para se tornarem assassinos em situações de guerra. Para resgatar seu filho, que foi oficialmente declarado morto após um acidente organizado, o ex-agente da CIA, Peter Sandza, inicia uma investigação.

Em uma trama que mescla ações secretas de agentes governamentais no Oriente Médio e jovens mediúnicos que deverão ser explorados para interesses militares, *A fúria*, de Brian de Palma, coloca o poder do olhar e da vigilância como centralidade de sua narrativa. Peter Sandza (Kirk Douglas) está sendo constantemente vigiado, enquanto procura pelo filho Robin (Andrew Stevens) e, para tanto, lança mão de uma série de disfarces para estar fora do radar de agentes misteriosos. Por sua vez, Robin passa por inúmeros testes de aperfeiçoamento de suas habilidades psíquicas que não só o colocam em estado de fúria – tal como o título do filme sugere – como também sideram seu olhar para desencadear extraordinários poderes de telecinese. E será por meio do tato que Gillian (Amy Irving) terá seu olhar ativado para visões que descortinam o passado de Robin, tal como aquela extraordinária visão panorâmica em meio à escada, como uma espécie de projeção que a envolve e preenche todo o espaço de ação. A trilha musical de John Williams marca presença, sobretudo em cenas onde ver e ser visto potencializa a intensidade das sensações dos personagens.

Camila Vieira

Superman: o filme

Superman

EUA / 1978 / 143min.

Direção: Richard Donner

Produção: Ilya Salkind, Pierre Spengler e Robert Simmonds

Roteiro: Mario Puzo, Tom Mankiewicz, David Newman, Robert Benton e Leslie Newman

Montagem: Stuart Baird e Michael Ellis

Fotografia: Geoffrey Unsworth

Elenco: Marlon Brando, Gene Hackman, Christopher Reeve etc.

Classificação indicativa: Livre

Jor-El, um renomado cientista, prevê a destruição do seu planeta e alerta o governo, que não lhe dá crédito. Assim, decide salvar seu filho, mandando-o para a Terra, onde terá superpoderes. Na Terra, ele usa o nome de Clark Kent e trabalha como repórter.

Com partitura executada pela London Symphony Orchestra, a trilha musical composta e regida por John Williams para Superman, de Richard Donner, possui todos os elementos principais de apresentação, desenvolvimento e consolidação do herói. De início, há o famoso tema principal de Superman ou Marcha de Superman, usada para abrir e fechar os créditos, e aliada a efeitos sonoros que anunciam a aparição dos letreiros. Enquanto o personagem ainda aparece como criança e adolescente, as notas parecem suaves e lúdicas como forma de provocar a sensação da descoberta e, nas cenas em que o super-herói sobrevoa a cidade, elas se tornam imponentes, associadas à dimensão do caos e da destruição – em especial, a sequência do terremoto na Costa Oeste. Nas cenas em que Lois e Superman encontram-se, o tema romântico é apresentado como interlúdio da marcha principal do super-herói. Outros motivos musicais estão associados ao planeta Krypton, a construção da Fortaleza da Solidão onde Superman se comunica com seu pai, além do aparecimento da criptonita radiotiva.

Camila Vieira

Drácula

Dracula

EUA / 1979 / 109min

Direção: John Badham

Produção: Walter Mirisch e Marvin Mirisch

Roteiro: Bram Stoker e W.D. Richter

Montagem: John Bloom

Fotografia: Gilbert Taylor

Elenco: Frank Langella, Laurence Olivier, Donald Pleasence etc.

Classificação indicativa: 12 anos

Escuna naufraga perto de Whitby e o único sobrevivente é o Conde Drácula, que chegou com grandes quantidades de terra da Transilvânia para levar para sua residência em Carfax Abbey.

Drácula é uma superprodução preparada com esmero para elevar o famoso vampiro bem distante dos exemplares da Hammer e dos muitos filmes de baixo orçamento. Seu diretor, John Badham, vinha do imenso sucesso de *Os embalos de sábado à noite*, e Laurence Olivier, foi contratado para emprestar classe como Van Helsing. Sua estrela, Frank Langella, vinha de longuíssima e celebrada temporada como Drácula na Broadway e contribui com uma atuação atormentada e marcante. É uma adaptação curiosa que elimina o sexo como motor da trama por uma visão de pura danação surpreendentemente negativa para um projeto comercial como este. O maior destaque fica para a fotografia do veterano Gilbert Taylor. Seu trabalho anterior fora, *Guerra nas Estrelas*, e sua presença assim como a de John Williams apontam para o pacote do filme. Está longe de ser um dos trabalhos mais marcantes do compositor, mas segue à risca o que os produtores certamente desejavam como tema principal chamativo que adapta com inteligência seu estilo ao horror, mas promete algo mais agitado por vir e uma presença constante ao longo da ação.

Filipe Furtado

Guerra nas estrelas: o império contra-ataca

Star Wars: The Empire Strikes Back

EUA / 1980 / 124min

Direção: Irvin Kershner

Produção: George Lucas, Gary Kurtz, Rick McCallum, Howard G. Kazanjian e Bruce Sharman

Roteiro: George Lucas, Leigh Brackett e Lawrence Kasdan

Montagem: Paul Hirsch

Fotografia: Peter Suschitzky

Elenco: Mark Hamill, Harrison Ford, Carrie Fisher, Billy Dee Williams etc.

Classificação indicativa: Livre

As forças imperiais comandadas por Darth Vader lançam um ataque contra os membros da resistência, que são obrigados a fugir. Enquanto isso, Luke Skywalker tenta encontrar o Mestre Yoda, que poderá ensiná-lo a dominar a "Força" e torná-lo um cavaleiro Jedi.

Um dos temas mais conhecidos da série Guerra nas Estrelas é ouvido pela primeira vez em O Império Contra-Ataca: a Marcha Imperial, em imagens da frota imperial e, logo a seguir, do personagem Darth Vader, a quem passará a ficar associado. Embora o personagem já tivesse aparecido e fosse fundamental no primeiro filme lançado da série, é curioso que o tema só venha no segundo. James Buhler (em artigo no livro *Music and Cinema*) observa que, diferentemente dos outros temas relacionados à Força (como o da própria Força, o dos rebeldes e o de Yoda), mais fluidos, passa a funcionar de forma mais insistente como sinalizador de Darth Vader. Por outro lado, não é calcado em dissonâncias ou atonalidade, o que poderia levar a uma associação simplista e estereotipada do Império ao modernismo musical. Como no filme anterior, Williams lança mão do estilo épico-sinfônico, fazendo o que Michel Chion (no seu livro *La musique au cinéma*) denominou, num jogo de palavras, um "retorno ao futuro" das antigas trilhas musicais sinfônicas de Hollywood. O tema principal da série, a fanfarra dos rebeldes, é retomado neste e no restante dos filmes da saga, assim como o tema da Força.

Luiza Alvim

Os caçadores da arca perdida

Raiders of the Lost Ark

EUA / 1981 / 115min

Direção: Steven Spielberg

Produção: George Lucas Frank Marshall Howard G. Kazanjian Douglas Twiddy

Roteiro: George Lucas, Philip Kaufman e Lawrence Kasdan

Montagem: George Lucas e Michael Kahn

Fotografia: Douglas Slocombe

Elenco: Harrison Ford, Karen Allen, Paul Freeman, John Rhys-Davies etc.

Classificação indicativa: Livre

Em 1936, o arqueólogo Indiana Jones é contratado para encontrar a Arca da Aliança, que segundo as escrituras bíblicas conteria "Os Dez Mandamentos" que Deus revelou a Moisés no Monte Horeb.

No começo de *Caçadores da arca perdida*, seu protagonista é visto só de costas e o aparecimento de seu rosto, após minutos, é marcado por um *stinger* ("ferroada", em tradução literal) com metais. Outros aspectos da música, como progressões ascendentes nas perseguições e melodias orientalizantes, evocam-nos, respectivamente, o *King Kong* de 1933 e *Casablanca* de 1942, ambos com música de Max Steiner, compositor-modelo reconhecido por Williams para a música de *Caçadores*. Com efeito, o filme começa em 1936 e tinha em sua concepção uma homenagem à Hollywood do passado. Seu tema musical mais famoso, em estilo heróico, que se torna associado ao protagonista e é retomado nos filmes seguintes da série, é ouvido pela primeira vez quando o arqueólogo está acabando de fugir de uma tribo na América do Sul. Depois disso, passa a acompanhar sua saga para encontrar a "arca perdida" no Egito, fazendo uma primeira parada no Nepal em busca de um medalhão em posse de Marion Ravenwood, filha de outro arqueólogo e antigo *affair*. Embora Marion tenha características associadas a estereótipos masculinos (é boa de copo e destemida), seu tema é suave, semelhante ao da Princesa Leia de *Star Wars*. O pacto dos aventureiros é selado musicalmente, quando, na viagem ao Cairo, ouvimos o tema de Jones seguido do tema de Marion.

Luiza Alvim

E.T. - O Extraterrestre

E.T. the Extra-Terrestrial

EUA / 1982 / 115min

Direção: Steven Spielberg

Produção: Steven Spielberg, Kathleen Kennedy e Frank Marshall

Roteiro: Melissa Mathison

Montagem: Carol Littleton

Fotografia: Allen Daviau

Elenco: Henry Thomas, Drew Barrymore, Robert MacNaughton etc.

Classificação indicativa: Livre

Um garoto faz amizade com um ser de outro planeta, que ficou sozinho na Terra, protegendo-o de todas as formas para evitar que ele seja capturado e transformado em cobaia. Gradativamente, surge entre os dois uma forte amizade.

Provavelmente E.T. é o filme que me traz lembranças mais longínquas tanto do cinema como da minha própria vida, coincidência ou não, ele foi lançado no ano em que nasci, e minha mãe conta que eu vi/ouvi esse filme dentro da barriga dela no Cinema São Luís lá em Recife, minha cidade natal. Um misto de suspense, aventura, filme infantil, drama, ficção-científica e um punhado mais de gêneros cinematográficos, considero este o ápice da filmografia de Steven Spielberg, se é que é possível eleger um filme só dentre sua obra. Não surpreendentemente, a trilha sonora original do mestre John Williams, parceiro eterno do diretor, é simplesmente perfeita, por falta de uma palavra melhor. Ao ouvi-la pela milionésima vez ao escrever este texto percebo-a como talvez uma das mais wagnerianas do compositor, decerto a sua grande referência. O uso de *leitmotifs* é sublime, assim como a instrumentação: o tema da flauta retratando a relação de E.T. com o menino, os metais simbolizando os adultos (governo), enfim, toda uma inter-relação de timbres, temas etc. que contribuem fundamentalmente para essa obra cinematográfica total. Destaque para a condução que a trilha dá à cena em que Elliott conhece E.T., aquela do antológico caminho de MM's, um trabalho de maestria total que me remete a Bernard Hermmann e suas trilhas "internas imperceptíveis", porém magistrais, a exemplo da perseguição em *Vertigo* (1958).

Mateus Alves

As bruxas de Eastwick

The Witches of Eastwick

EUA / 1987 / 119min

Direção: George Miller

Produção: Neil Canton, Peter Guber, Jon Peters, Rob Cohen e Don Devlin

Roteiro: Michael Cristofer e John Updike

Montagem: Richard Francis-Bruce e Hubert C. de la Bouillerie

Fotografia: Vilmos Zsigmond

Elenco: Jack Nicholson, Cher, Susan Sarandon, Michelle Pfeiffer etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Alex Medford, Jane Spofford e Sukie Ridgemont moram em Eastwick e estão infelizes. Solitárias, carentes e sexualmente reprimidas, elas imaginam o homem ideal e são surpreendidas pela chegada do sedutor e misterioso Daryl Van Horne na cidade.

As bruxas de Eastwick foi o primeiro filme que o cineasta australiano George Miller fez em Hollywood após o sucesso com a trilogia Mad Max, e ele se dedica a usar muitas das mesmas técnicas excessivas que fizeram sua fama num outro contexto com uma parceria com o fotógrafo Vilmos Zsigmond para uma série de sequências delirantes. O livro de John Updike foi um *best-seller* combinando elementos de fantasia com sátira social mais respeitável. Para além de se encaixar bem no gosto pela fantasia do período, oferecia ótimos papéis para seu elenco feminino, todas muito bem, e a Jack Nicholson a oportunidade de ser tão histriônico quanto quisesse, como o diabo (dois anos depois, o produtor do filme Jon Peters faria Batman com Jack mais ou menos repetindo seu papel). O verdadeiro objeto de sátira aqui não é a pequena cidade conservadora, mas o filme hollywoodiano com o cineasta estrangeiro desarranjando a ação por meio do caos. Neste contexto, a presença de John Williams não deixa de ser fundamental, sua trilha não difere do que imaginamos que ele faria para um filme de um cineasta como Chris Columbus e se torna parte da normalidade que o filme como um todo deseja virar do avesso.

Filipe Furtado

O turista acidental

The Accidental Tourist

EUA / 1988 / 121min

Direção: Lawrence Kasdan

Produção: Lawrence Kasdan, Charles Okun, John Malkovich, Phyllis Carlyle e Michael Grillo

Roteiro: Lawrence Kasdan, Anne Tyler e Frank Galati

Montagem: Carol Littleton

Fotografia: John Bailey

Elenco: William Hurt, Kathleen Turner, Geena Davis, Amy Wright etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Macon Leary é um metódico escritor de guias de viagens que é abandonado por Sarah, sua mulher, após a morte do único filho. A trágica e sem graça vida do escritor, que não gosta de viajar nem de viver, ganha uma nova luz quando conhece Muriel, uma jovem e extrovertida divorciada.

Um protótipo da ideia de um “filme para adultos” no fim dos anos 1980, O Turista acidental foi um sucesso considerável à época indicado para múltiplos Oscars incluindo melhor filme, mas hoje é um filme um tanto esquecido. Talvez seja a atuação de William Hurt que dedica com afinco a ser o mais opaco possível, talvez a premissa extraída de um romance de Ann Tyler (homem deprimido com o assassinato do filho que volta a se relacionar com o mundo após se envolver com uma mulher excêntrica) tenha envelhecido mal para muitos. Trata-se de uma versão bastante superior do material, muito porque o diretor Lawrence Kasdan opta por tratar o filme com o toque mais leve que uma descrição sugere e foca sua atenção na grande coleção de tipos ao redor do personagem de Hurt, defendidos por um elenco muito forte. É uma das trilhas mais discretas e menos bombásticas da carreira de John Williams e ele desempenha papel importante em estabelecer o tom cômico do filme e reforçar que o foco de Kasdan está muito mais no comportamento dos seus personagens do que nas mecânicas do arco dramático principal.

Filipe Furtado

Esqueceram de mim

Home Alone

EUA / 1990 / 103min

Direção: Chris Columbus

Produção: John Hughes, Mark Levinson, Scott M. Rosenfelt e Tarquin Gotch

Roteiro: John Hughes

Montagem: Raja Gosnell

Fotografia: Julio Macat

Elenco: Macaulay Culkin, Joe Pesci, Daniel Stern, John Heard etc.

Classificação indicativa: Livre

Uma família de Chicago planeja passar o Natal em Paris. Porém, em meio às confusões da viagem, um dos filhos, Kevin, acaba esquecido em casa. O garoto de apenas oito anos é obrigado a se virar sozinho e defender a casa de dois insistentes ladrões.

Acho que *Esqueceram de mim* é o filme com o maior poder de lhe jogar instantaneamente no período Natalino e toda sua carga cultural ocidental de encontro familiar supremo, tradições infinitas, presentes e simbologia vasta que permeia essa época do ano. Hoje em dia, adentrando minha quarta década de vida, confesso que acho até um tanto deprimente o fim do ano e sua essência basicamente fake e mercadológica selvagem, porém continuo amando esse filme e os sentimentos que ele me traz, já que quando ele foi lançado, Kevin, interpretado por Macaulay Culkin, tinha praticamente minha idade, ou seja, a identificação foi total. Pra variar, considero esse “match” que o filme alcança resultado do trabalho mais uma vez fenomenal de John Williams. O uso do *glockenspiel* e demais instrumentos de percussão de altura definida, por exemplo, é fundamental para lhe transportar para o Natal – já que são timbres característicos das músicas natalinas -, assim como o uso do coral infantil, órgão de igreja e suas melodias tradicionais. Destaque também para o uso jocoso do clarinete/clarone e sopros que combina bem com as trapalhadas dos malvados do filme – talvez remetendo a *Pedro e o Lobo*, de Prokofiev, ou posso estar exagerando na relação. Enfim, possivelmente a trilha com maior sonoridade norte-americana (em termos de instrumentação) do nosso grande mestre.

Mateus Alves

Stanley & Iris

Stanley & Iris

EUA / 1990 / 104min

Direção: Martin Ritt

Produção: Patrick J. Palmer, Arlene Sellers e Alex Winitsky

Roteiro: Irving Ravetch, Harriet Frank Jr. e Pat Barker

Montagem: Sidney Levin

Fotografia: Donald McAlpine

Elenco: Jane Fonda, Robert De Niro, Swoosie Kurtz, Martha Plimpton etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Stanley Cox é um tímido empregado analfabeto que faz de tudo para esconder sua falta de conhecimento. Iris King é uma mulher batalhadora que perdeu o marido a menos de um ano e trabalha para cuidar de seus dois filhos. Juntos, um ajudará o outro a superar seus medos e dificuldades da vida.

Um romance que não é sobre jovens e focado em personagens da classe trabalhadora é menos comum, trata-se de um gênero que prefere situações utópicas, circunstâncias incomuns onde um relacionamento nasce. Este é um filme da vida real, e Martin Ritt, o seu realizador, tem muito mérito na construção deste ambiente operário. Robert De Niro e Jane Fonda estrelam como Stanley e Iris, mas não pense que trata-se de um romance comum: sabemos qual será o final, mas o trajeto passa longe do óbvio para se chegar no deseja final romântico. Fonda é uma viúva que trabalha numa fábrica de doces em uma padaria. De Niro começa o filme como cozinheiro do local, mas sua condição de analfabeto o tirará praticamente todas as oportunidades de emprego em sua vida. Enquanto Fonda precisa buscar forças para continuar sua vida emocionalmente – ela repete algumas vezes para sua família que é um ‘ser sexual’ – enquanto De Niro precisa superar as adversidades trágicas que as poucas oportunidades na vida lhe couberam. A trilha de John Williams é composta quase inteiramente no piano, construindo um ambiente emocional naquele mundo hiper-realista. O filme é a despedida do veterano Ritt do cinema e é certamente um trabalho bastante eficiente, apostando com justiça no carisma dos protagonistas.

Guilherme Martins

JFK – A pergunta que não quer calar

JFK

EUA / 1991 / 205min

Direção: Oliver Stone

Produção: Arnon Milchan, Oliver Stone, A. Kitman Ho e Clayton Townsend

Roteiro: Oliver Stone e Zachary Sklar

Montagem: Pietro Scalia e Joe Hutshing

Fotografia: Robert Richardson

Elenco: Kevin Costner, Tommy Lee Jones, Gary Oldman, Kevin Bacon etc.

Classificação indicativa: 14 anos

O promotor de Nova Orleans Jim Garrison não está convencido do parecer final da Comissão Warren, que determinou que o Presidente John F. Kennedy foi assassinado por uma única pessoa.

Qual é a real natureza da verdade? Um filme conspiratório sobre o poder sedutor das teorias da conspiração que diz muito sobre nossa era da pós-verdade. O trabalho de Oliver Stone segue duas vertentes separadas e até antagônicas: por um lado, trata-se de um grande épico hollywoodiano sobre um homem em busca da verdade, por outro, é um filme quase experimental combinando uma série de soluções estéticas para turvar esta ideia de verdade e lançar o espectador numa constante confusão. A fotografia de Robert Richardson e a montagem de Pietro Scalia e Joe Hutshing são triunfos técnicos notáveis na maneira que combinam e organizam uma série de materiais diversos para apresentar as ideias de Stone. O grande monólogo de Donald Sutherland é um *tour de force* para ator e cineasta, um curta metragem impressionante dentro do filme. O trabalho de John Williams é chave justamente para garantir o arco dramático de homem contra o sistema do filme e foi certamente, ao lado da presença de Costner, vital para que os experimentalismos de Stone alcançassem um grande público. Williams também trabalha muito para que a romantização que o cineasta impõe sobre o presidente assassinado e os anos 60 perdurem. Se o filme é ao mesmo tempo mito e contramito, o compositor é peça essencial do primeiro.

Filipe Furtado

Jurassic Park

Jurassic Park

EUA / 1993 / 126min

Direção: Steven Spielberg

Produção: Kathleen Kennedy, Gerald R. Molen, Patricia Blau e Jules Roman

Roteiro: David Koepp e Michael Crichton

Montagem: Michael Kahn

Fotografia: Dean Cundey

Elenco: Sam Neill, Laura Dern, Jeff Goldblum, Richard Attenborough etc.

Classificação indicativa: Livre

Um parque construído por um milionário tem como habitantes dinossauros diversos, extintos a sessenta e cinco milhões de anos. Mas o que parecia ser um sonho se torna um pesadelo quando a experiência sai do controle de seus criadores.

Há pelo menos duas formas de experimentar Jurassic Park, de Steven Spielberg: como uma grande narrativa que coloca em crise o poder da interferência humana no controle da natureza ou como um protótipo de em que T-Rex é a atração principal, em meio a outros dinossauros coadjuvantes e crianças fascinadas e assustadas em um parque de diversões. É impressionante o quanto de *reaction shots* preenchem o filme, a saber: *closes* de personagens com olhos arregalados e boquiabertos. Em alguns momentos, o espectador não tem acesso ao que os mesmos personagens estão vendo – estratégia para intensificar o suspense necessário. Em outros, é o imponderável do que está sendo visto que oferece o tom da cena, inclusive a inserção da música de John Williams que dimensiona a grandeza dos dinossauros criados e, mais tarde, associa com a fragilidade humana diante de sua própria criação. A progressão do tema principal é acompanhada por variados instrumentos de sopros (trompa, flautas, clarinete), com marcações que aludem tanto à alegria da descoberta de um novo mundo quanto à passagem dos dinossauros no ambiente do parque.

Camila Vieira

Sleepers – A vingança adormecida

Sleepers

EUA / 1996 / 147min

Direção: Barry Levinson

Produção: Steve Golin, Barry Levinson, Lorenzo Carcaterra, Peter Giuliano e Gerrit van der Meer

Roteiro: Barry Levinson e Lorenzo Carcaterra

Montagem: Stu Linder

Fotografia: Michael Ballhaus

Elenco: Kevin Bacon, Jason Patric, Robert De Niro, Brad Pitt, Dustin Hoffman, Minnie Driver etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Nos anos 60, quatro adolescentes que viviam em Hell's Kitchen, em Nova York, ferem acidentalmente uma pessoa gravemente. Eles são condenados a ir para um centro de reabilitação juvenil, onde são humilhados de todas as formas possíveis, tendo inclusive sofrido abusos sexuais dos guardas.

Sleepers é uma das trilhas mais subestimadas de John Williams, que havia deixado para trás os temas aventureiros de ação e fantasia e vinha gravitando em torno de dramas mais pesados. Com mudanças de estilo e tom semelhantes aos do filme, a trilha se faz na conjugação da abordagem orquestral característica de Williams com efeitos eletrônicos atípicos que sublinham a brutalidade da narrativa. É bem incomum o protagonismo dado aos sintetizadores, bem como as explosões de puro ruído que por vezes tomam conta da faixa sonora. Sleepers é uma adaptação da autobiografia homônima do jornalista Lorenzo Carcaterra. Os personagens de Barry Levinson são em gerais questionáveis (quando não desagradáveis), embora o cineasta os desculpe e festeje. Uma certa nostalgia sempre se faz sentir, sobretudo pela quase sempre presente narração em primeira pessoa, em que os protagonistas lamentam a passagem do tempo e a perda da inocência – enquanto o cineasta esboça uma ironia, uma distância, uma crítica... Sleepers, uma história de vingança justificada repleta de estrelas, não é diferente. É um filme cheio de pontas soltas que não se explica enquanto avança um tanto esquemático, sem muitas nuances ou ambiguidades.

Julio Bezerra

O massacre de Rosewood

Rosewood

EUA / 1997 / 142min

Direção: John Singleton

Produção: Jon Peters e Tracy Barone

Roteiro: Gregory Poirier

Montagem: Bruce Cannon

Fotografia: Johnny E. Jensen

Elenco: Ving Rhames, Jon Voight, Don Cheadle, Bruce McGill etc. John Singleton,

Classificação indicativa: 14 anos

No início de janeiro de 1923, na Flórida, a comunidade negra de Rosewood é atacada, queimada e tem parte da população morta por brancos de uma cidade vizinha em um espaço de quatro dias. Tudo isto pelas falsas alegações de uma mulher branca. Um negro decide combater os agressores e salvar quantos negros forem possíveis.

John Singleton tornou-se um notório realizador nos anos 90, um dos poucos cineastas que abordavam o gueto americano e o racismo evidente da sociedade de então, sendo seu mais lendário filme, *Os donos da rua* (1991), parte de uma revolução cultural que estava em voga naquele momento. *Rosewood* é o seu primeiro filme de época, embora esta tragédia histórica seja um espelho dos retratos dos filmes anteriores. O filme se passa na pequena Rosewood em 1923. A grande comunidade afro-americana do local é literalmente posta abaixo, incendiada, brutalmente assassinada, por uma posse formada por racistas de uma cidade próxima. A razão: a mentira de uma mulher branca. O filme conta com excepcionais atores tanto entre a comunidade que tenta resistir – como Ving Rhames e Don Cheadle – como no grupo dos racistas, com excelentes ‘character-actors’ como Robert Patrick e Michael Rooker, sujeitos perfeitos para representarem racistas assassinos no sul deste país. É um trabalho discreto de John Williams, no sentido de que a trilha não se sobrepõe à tragédia central. O filme tem especial sensibilidade, pois encena cenas tão brutais e horrorosas, mas o faz sem que o fator humano desapareça, revelando diferentes nuances daquela pequena comunidade. Sua ousadia reside na convicção de como retratar tais atos, onde o racismo surge quase como algo endêmico. É um filme a ser redescoberto sob a luz do presente.

Guilherme Martins

As cinzas de Ângela

Angela's Ashes

EUA e Irlanda / 1999 / 145min

Direção: Alan Parker

Produção: Scott Rudin, David Brown, Alan Parker, Eric Steel e Adam Schroeder

Roteiro: Frank McCourt e Laura Jones

Montagem: Gerry Hambling

Fotografia: Michael Seresin e Chris Connier

Elenco: Emily Watson, Robert Carlyle, Joe Breen, Michael Legge etc. Alan Parker,

Classificação indicativa: 14 anos

Em 1935, enquanto famílias irlandesas partiam para os EUA, uma empobrecida família decide por fazer o caminho inverso. Logo após a repentina morte de sua filha de apenas 7 anos de vida, Ângela e seu marido decidem se mudar de Nova York para Cork, na Irlanda, levando com eles seus quatro filhos.

John Williams parece por vezes ter retomado em *As cinzas de Ângela* o estilo mais "clássico" dos anos 70 e 80. Não se ouve música irlandesa em momento nenhum – até mesmo as únicas faixas vocais da trilha sonora não são canções *folk* irlandesas, mas *pop* americanas (*The Dipsy Doodle* e *Pennies From Heaven*). Williams ignorou os estereótipos musicais e compôs uma partitura morosa e sombria, enraizada em um lirismo trágico e bonito, que cresce ao som das cordas, do piano e do violoncelo, e se permite pizzicato lúdicos e solos de harpa cheios de esperança. É uma trilha, sem dúvida nenhuma, dolorida. Por vezes, ela pode ser um bocado doce, embora sem jamais deixar de doer. É uma pena que o filme não alcance a abrangência emocional de sua trilha (devidamente indicada ao Oscar). Alan Parker foi o escolhido para filmar *As cinzas de Ângela*, um *best-seller* autobiográfico de Frank McCourt, escritor irlandês, vencedor do prestigioso prêmio Pulitzer de 1996. A opção tem sua razão de ser. Parker tem gosto por personagens determinados a superar um entorno amplamente desfavorável. Em *As cinzas de Ângela*, ele faz um espetáculo interminável do sofrimento e da miséria de seu protagonista - não sem alguns breves clarões de esperança. Contudo, apesar de Williams e das ótimas interpretações de Robert Carlyle e, sobretudo, Emily Watson, o filme raramente comove e desce um tanto quadrado, sem muito coração.

Julio Bezerra

Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban

Harry Potter and the Prisoner of Azkaban

EUA e Inglaterra / 2004 / 142min

Direção: Alfonso Cuarón

Produção: Lorne Orleans, Chris Columbus, David Heyman, Mark Radcliffe, Michael Barnathan, Callum McDougall e Tanya Seghatchian

Roteiro: J.K. Rowling e Steve Kloves

Montagem: Steven Weisberg

Fotografia: Michael Seresin

Elenco: Daniel Radcliffe, Rupert Grint, Emma Watson, Gary Oldman etc.

Classificação indicativa: Livre

O 3º ano de ensino na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts se aproxima. Porém um grande perigo ronda a escola: o assassino Sirius Black fugiu da prisão de Azkaban, considerada até então como à prova de fugas.

É o terceiro filme desta saga, cujo sucesso e influência geracional ainda serão medidos de forma justa no futuro. A contratação de Alfonso Cuarón, um cineasta talentoso e experiente em produções juvenis que não infantilizam por demais seus personagens, foi decisivo para o sucesso deste filme. Azkaban é um marco que mudou a maneira como a saga se apresentaria ao seu público nos anos seguintes, pavimentando espaço para o sombrio e a rebeldia nestas crianças. John Williams tem um papel bastante relevante, pois Cuarón abraça o audiovisual e uma certa pictorialidade raramente vistos em produções do tipo, o trabalho de Williams servindo brilhantemente a estes arroubos visuais incríveis aos quais eles se permitem. Há uma longa parte do filme que é basicamente um *looping* temporal que é sensacional, onde os personagens viajam no tempo pra reviverem as ações e poderem eles mesmos agirem como seus salvadores. Além de ser o primeiro filme que tira atuações genuínas do elenco jovem, o filme apresenta a adição de ótimos atores ao elenco coadjuvante, como Michael Gambon (cujo Dumbledore difere muito daquele interpretado por Richard Harris nas primeiras aventuras), Gary Oldman e David Thewlis. É, sem dúvidas, um dos mais relevantes *blockbuster* do século 21.

Guilherme Martins

Memórias de uma Gueixa

Memoirs of a Geisha

EUA / 2005 / 145min

Direção: Rob Marshall

Produção: Steven Spielberg, Douglas Wick e Lucy Fisher

Roteiro: Robin Swicord Arthur Golden

Montagem: Pietro Scalia

Fotografia: Dion Beebe

Elenco: Zhang Ziyi, Gong Li, Michelle Yeoh, Ken Watanabe, Suzuka Ohgo etc.

Classificação indicativa: 14 anos

Chiyo foi vendida a uma casa de gueixas quando ainda era menina, em 1929, onde é maltratada pelos donos e por Hatsumomo, uma gueixa que tem inveja de sua beleza. Acolhida por Mameha, a principal rival de Hatsumomo, Chiyo ao crescer se torna a famosa gueixa Sayuri.

Em *Memórias de uma gueixa*, John Williams constrói um sabor e atmosfera orientais usando instrumentos japoneses tradicionais (a flauta de bambu, o violino chinês erhu e a koto, uma cítara japonesa de 13 cordas) conjugados com um amplo vocabulário harmônico ocidental. Ao contrário da grande maioria de suas trilhas, *Memórias* não tem exatamente um tema - *Sayuri's Theme* talvez esteja mais para um motivo recorrente e intrincado, executado pelo violoncelista Yo-Yo Ma. Como de costume, no entanto, Williams faz de algumas faixas verdadeiras montanhas russas melodiosas de seções, nuances e clímax, imprimindo ao filme uma sensação autêntica de tempo e lugar e muita beleza. Em um ano de muito trabalho (*Star Wars: episódio III*, *Guerra dos mundos* e *Munich*), *Memórias* se sobressai pela atmosfera de delicadeza, elegância e intimidade – rendendo mais uma indicação ao Oscar. É uma pena que seja tão pouco lembrado. O filme não ajuda. Adaptado do *best-seller* homônimo de Arthur Golden, *Memórias* seria originalmente dirigido por Steven Spielberg, mas acabou nas mãos de Rob Marshall, que havia feito carreira na Broadway, sobretudo com o musical *Chicago*, que ele levaria ao cinema em 2002. Estrelado por atrizes de ascendência chinesa (Ziyi Zhang, Gong Li e Michelle Yeoh), o longa estreou cercado de críticas e acusações. As heroínas são deslumbrantes e seu mundo é tão áudio-visualmente encantador, feito de sedas, tapeçarias, cabelos, maquiagens, espelhos e John Williams, que o filme parece lamentar a passagem do tempo e alimentar uma certa nostalgia, como se esquecesse de que estamos diante de escravas sexuais.

Julio Bezerra

Sobre os autores

Mateus Alves

Natural de Recife, é graduado em música pela UFPE e mestre em composição pela Royal College of Music, Londres - onde também estudou música para cinema. Desde 2013, vem trabalhando constantemente com trilhas sonoras para filmes pernambucanos. Em 2019, compôs e produziu, em parceria com Tomaz Alves Souza, a trilha sonora original do longa-metragem *Bacurau*, de Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho, vencedor do Prêmio do Júri no Festival de Cannes no mesmo ano. Seu trabalho combina materiais da música popular do nordeste brasileiro com técnicas texturais de compositores como György Ligeti, passando por influências que vão de John e Alice Coltrane, Clóvis Pereira, Sarah Davachi e Ennio Morricone a Soft Machine, Bernard Herrmann, Mica Levi e Giacinto Scelsi.

Luíza Alvim

Doutora em Comunicação pela UFRJ (com período sanduíche na Universidade Paris 3 sob orientação de Michel Chion) e em Música pela UNIRIO. Graduada em Comunicação (habilitações Jornalismo e Cinema) e mestre em Letras pela UFF. Foi professora substituta da Escola de Comunicação da UFRJ e do curso de Cinema da UFF. É autora do livro *A música no cinema* de Robert Bresson e tem pós-doutorado em Música pela UFRJ, durante o qual pesquisou a música na Nouvelle Vague francesa e no Cinema Novo brasileiro, além de ter organizado a Jornada Interdisciplinar de Som e Música no Audiovisual (JISMA) de 2016 a 2019. Tem diversos trabalhos acadêmicos sobre música no cinema. Atualmente, é novamente professora substituta da Escola de Comunicação da UFRJ.

Julio Bezerra

Professor do curso de Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS. Fez estágios pós-doutorais na UFRJ e na Columbia University. Autor de *Documentário e jornalismo* (Garamond, 2014) e *A eterna novidade do mundo* (Garamond, 2019). Repórter e crítico de cinema, colaborou com uma ampla gama de publicações (*Revista Programa*, *Revista de Cinema*, *Cinética* etc.). Curador e produtor de diversas retrospectivas (Abel Ferrara, Samuel Fuller, David Lean e Jean Renoir). Dirigiu os curtas *E agora?* (2014) e *Pontos corridos* (2017).

Geórgia Cynara

Doutora (2018) e pós-doutoranda (2021-) em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo e mestre em Comunicação/Mídia e Cultura pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Jornalista, curadora cinematográfica, musicista e compositora de música para cinema, é uma das coordenadoras (2020-2022) do Seminário Temático Estilo e Som no Audiovisual da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Integra a rede Sonora: músicas e feminismos (USP), o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da UFG e é professora efetiva do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Entre seus últimos trabalhos no cinema, estão a edição de som e a música de *Guarany: História do circo dos pretos*, nas versões série de TV e longa-metragem (Mariana Gabriel, São Paulo, 2021 - disponível no SESC TV).

Filipe Furtado

Crítico de cinema, ex-editor das revistas *Paisà* e *Cinética*. Colaborou para espaços como *Contracampo*, *Filme Cultura*, *Teorema*, *The Film Journal*, *La Furia Humana* e *Rouge*. Mantém o blog *Anotações de um Cinéfilo*, atualizado regularmente, e é um dos integrantes fixos do Podcast de cinema de gênero *Detour*.

Guilherme Martins

Crítico de cinema, foi redator da *Contracampo* e da *Paisà* e colaborou para diversos veículos de imprensa, impressos, como a *Filme Cultura*, e eletrônicos, como a *Revista Interlúdio*. Colaborou para catálogos e livros, como o *Cidade em Chamas: O Cinema de Hong Kong*, o *Samuel Fuller: Se você morrer, eu te mato!* e o *John Carpenter: O Medo é Só o Começo*. É âncora e produtor do Podcast de cinema de gênero *Detour*. Escreve ocasionalmente no seu Letterboxd sobre o que anda vendo.

Camila Vieira da Silva

Crítica, pesquisadora e curadora de cinema. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É coeditora da revista eletrônica *Multiplot*, onde também escreve textos críticos. Faz parte da equipe de curadoria de curtas-metragens da Mostra de Cinema de Tiradentes, desde 2018, e da mostra contemporânea de curtas do festival CineOP, desde 2019. É coorganizadora do livro *Mulheres Atrás das Câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018*, que foi indicado ao 62º Prêmio Jabuti na categoria Ensaio-Artes, em 2020. É integrante da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine).

Tomaz Alves Souza

É compositor de trilhas sonoras para cinema e produtor musical. Entre seus trabalhos destacam-se as trilhas para os filmes: *Cinema, aspirinas e urubus* (2005) e *Era uma vez eu, Verônica* (2012), de Marcelo Gomes, *Azougue Nazaré* (2018), de Tiago Melo, e, em parceria com Mateus Alves, *Bacurau* (2019), de Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho.

CRÉDITOS

PATROCÍNIO
BANCO DO BRASIL

REALIZAÇÃO
MINISTÉRIO DO TURISMO
CENTRO CULTURAL BANCO
DO BRASIL

PRODUÇÃO
BZ SOLUÇÕES CRIATIVAS

CURADORIA
RAFAEL BZ

**COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO**
RAFAEL BZ
JOSÉ DE AGUIAR

PRODUÇÃO EXECUTIVA
JULIO BEZERRA
MARINA PESSANHA

**PESQUISA E PRODUÇÃO DE
CÓPIAS**
JOSÉ DE AGUIAR
JULIO BEZERRA

**COMUNICAÇÃO EM MÍDIAS
SOCIAIS**
MOSKARDO

PRODUÇÃO LOCAL
RENATA COSTA (SP),
RENATA CABRERA (RJ) E
DANIELA MARINHO (DF)

IDENTIDADE VISUAL
VITOR MIRANDA

LEGENDAGEM ELETRÔNICA
FIRULA FILMES

SESSÃO INCLUSIVA
ORIENTE-SE

ASSESSORIA DE IMPRENSA
PAULA FERRAZ (SP),
CLAUDIA OLIVEIRA E
RENATO ACHA (DF)

CATÁLOGO
VITOR MIRANDA

**ORGANIZAÇÃO E
IDEALIZAÇÃO**
RAFAEL BZ
JULIO BEZERRA

PRODUÇÃO GRÁFICA
JOSÉ DE AGUIAR

AUTORES
MATEUS ALVES
LUÍZA ALVIM
JULIO BEZERRA
GEÓRGIA CYNARA
FILIPE FURTADO
GUILHERME MARTINS
CAMILA VIEIRA DA SILVA
TOMAZ ALVES SOUZA

REVISÃO
ANA MORAES

PROJETO GRÁFICO
VITOR MIRANDA



DATAS



SONORA: JOHN WILLIAMS

CCBB SÃO PAULO

**20.OUT A 15.NOV
2021**

CCBB RIO DE JANEIRO

**3.NOV A 29.NOV
2021**

CCBB BRASÍLIA

**1.FEV A 27.FEV
2022**

sonora: **JOHN WILLIAMS**



Produção

Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL